

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
XIV SEMINÁRIO DISCENTE DCP USP

Mesa: Debates em revista

Autora: Natália Akemi Elias Hirose

TEORIA EM DISPUTA: A REVISTA *TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS*

Trabalho preparado para apresentação no XIV Seminário Discente da Pós- Graduação em
Ciência Política da USP, de 23 a 27 de setembro de 2024

SÃO PAULO

2024

RESUMO

Em um contexto de forte repressão ditatorial e seus impactos na vida partidária e intelectual, diferentes iniciativas de intervenção surgem, em que destaca-se a revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1981), iniciativa organizada entre 1977 e 1981 por intelectuais que circulavam o campo interseccional orbitante entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a universidade, apresentada enquanto periódico de combate ao contexto político ditatorial e à postura eclética do meio acadêmico. Organizada entre traduções, artigos e documentos, a revista caracterizou-se pela ativa participação na recepção e circulação de escritos marxistas internacionais no Brasil, sobretudo a partir do contato com intelectuais no exterior. Desse modo, assumindo este perfil, este trabalho estuda a *Temas* enquanto tentativa de intervenção e construção de uma nova hegemonia em um cenário de crise. Para tal, remonta sua trajetória de formação com ênfase nas disputas que marcaram sua publicação, apontando para a conturbada relação entre a prática teórica e a atividade tática e estratégica intencionada pela revista, sobretudo em um contexto de disputa por novos rumos no cenário acadêmico e político em que a publicação se inseriu.

Teoria em disputa: A revista *Temas de Ciências Humanas*

A revista Temas de Ciências Humanas

A prática radical e de esquerda no Brasil formou-se em muitos sentidos. O menos lembrado é o mais evidente: a formação política e ideológica realizada por seus aparatos (editoras, livrarias, bibliotecas, escola de quadros, jornais, revistas, livros, aulas, reuniões, comícios, etc) (SECCO, pg. 23).

Em um contexto de forte repressão ditatorial, ausência de vida partidária e difícil expressão da vida intelectual-acadêmica, considerando os mecanismos de censura por parte do regime, a *Temas de Ciências Humanas* mostra-se enquanto periódico de combate, apresentando a disputa teórica das ideias e da política em jogo, tanto no campo progressista-comunista como no país de modo geral. De início, a revista é organizada por um conjunto de intelectuais que orbitam o Partido Comunista Brasileiro, ou o que ainda resta dele, avançados os anos de regime militar, além da similaridade no apreço teórico marxista e, de certo modo, o interesse em discussões de política e estratégia no campo democrático. Em sua experiência, a *Temas* foi responsável por publicar importantes textos, sobretudo no campo das traduções, à exemplo da publicação inédita do “Temas para a questão meridional” de Antonio Gramsci e impactar o campo de circulação de artigos e traduções marxistas, sobretudo com referências de maior amplitude que a orientação soviética¹.

Em um primeiro momento, a revista organiza-se em torno de Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, José Chasin e Nelson Werneck Sodré, além da circulação de Raul Matteo Castell a partir do contato com a Editorial Grijalbo e, posteriormente, no comando da Livraria Editora de Ciências Humanas Ltda², responsáveis pela publicação da *Temas*. Editada semestralmente, salvo exceções, entre 1977 e 1981, a revista foi responsável pela publicação de artigos, documentos e traduções relevantes no cenário intelectual, a partir

¹ Um exemplo de periódico de orientação marxista-soviética é a revista *Problemas*, organizada por militantes comunistas entre 1947 e 1956 com referencial de circulação e absorção de textos e referências marxistas-soviéticas, com maior absorção da linha política central do PCB, diferente da *Temas*.

² Fundada em 1975 por Raul Mateos Castell, a Editora estabeleceu vínculos com a universidade, sobretudo a USP e o PCB, e tornou-se responsável pela publicação de livros marxistas relevantes, além de manter, na rua 7 de Abril, no Centro de São Paulo, a Livraria Ciências Humanas. Para além da Livraria e Editora, Raul manteve-se figura frequente no meio universitário com sua banca, localizada no prédio de Ciências Sociais da FFLCH-USP, ambiente que movimentou estudantes, professores e curiosos até seu fechamento, em 2020. Em entrevista, Raul Matteo Castell reconta esta mudança editorial do periódico a partir de sua ponte com as editorias. Os dois primeiros volumes da *Temas* são publicados pela Grijalbo, quando há a troca da editora para a Livraria Editora de Ciências Humanas Ltda, a relação entre elas estaria, portanto, na figura de Raul, antes responsável pelos trabalhos da Grijalbo no Brasil e, a partir dos anos 1970, sob o comando da LECH.

do debate interseccional entre as discussões acadêmicas e partidárias, no campo das Ciências Sociais e do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Em seus cinco anos de existência, a revista publicou 10 volumes, mantendo um padrão: capas coloridas, uma média de 150-200 páginas por volume e a tentativa de conciliar, em um mesmo número, artigos, documentos e traduções, além de entrevistas pontuais. Em uma leitura geral do periódico, observa-se uma predominância de artigos e traduções, somado à uma preocupação com a publicação de documentos.

Além disso, tornou-se recorrente a publicação de obras que, antes ou depois da aparição na revista, tornaram-se projetos editoriais de maior fôlego. Nas edições iniciais, um editorial apresentava o volume e trazia uma breve análise do momento conjuntural e da estrutura de textos, explicitando os objetivos políticos da revista e inserindo-a nos debates intelectuais em curso no período. Em seus 10 volumes, a *Temas* carregou uma alteração na editora, entre o Editorial Grijalbo e a Livraria Editora de Ciências Humanas Ltda., na tentativa de se inserir em um ambiente intelectual carregado pelo “ecletismo de fundo positivismo ou pelo dogmatismo soviético”:

Tudo isso implica, de imediato, uma proposta que rejeita as contrafações e diluições teóricas típicas do ecletismo de fundo positivista que domina- há alguns anos e não por acaso- o cenário intelectual brasileiro; que busca contribuir para a apropriação crítica e criadora das conquistas fundamentais do espírito humano; que pretende, enfim, realizar a análise radical (que vai às raízes), a partir de perspectiva socialmente determinada, da realidade histórica brasileira em seus múltiplos aspectos (Temas de Ciências Humanas, 1977a, p. VII).

Por isso, a busca estava na ampliação do horizonte intelectual brasileiro em busca de contribuir com esta movimento, formando-se enquanto uma referência deste e, assim, criando uma alternativa aos grupos intelectuais “dominantes”, prevalentes nas Ciências Sociais e nas universidades, agregando intelectuais marxistas e servindo como verdadeiro laboratório de escrita e atuação editorial, sobretudo para as novas gerações.

Sob esta perspectiva, a reunião dos intelectuais que compõem a *Temas*, sobretudo a partir de seu Corpo Diretivo, se dá pelo círculo que se forma em torno do Partido, enquanto atividade militante prática, mas, também, pelo campo intelectual marxista que se abre a partir de suas fileiras, isto é, o impacto do Partido e seus membros na difusão do marxismo internacional e a consequência desta circulação para a construção do próprio marxismo brasileiro. O Partido torna-se, portanto, figura central na reconstrução da *Temas* que, nos idos

dos anos 1970 via suas colunas desfeitas pelo impacto inicial do Golpe Militar de 1964, o racha na adesão à Luta Armada³ e a consequência da Repressão sobre o Partido. Com isso, a repressão ocupa papel de destaque na disputa ideológica em jogo no período ditatorial e, sobretudo, na estrutura organizacional do Partido, tanto como consequência das ações repressivas, mas, também, para compreender as ferramentas de sobrevivência utilizadas pelos comunistas brasileiros. Sob esta perspectiva, encontra-se a *Operação Radar*, realizada a partir de 1973 com o objetivo específico de eliminação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir do conhecimento de suas estruturas e lideranças.

A Operação foi responsável pelo assassinato de mais de 19 membros do Comitê Central⁴, além da realização de um estudo detido na ordenação interna da agrupação. Com a luta armada dizimada, a atenção vira o Partido, permitindo aos órgão de inteligência do governo um estudo detido e aprofundado das estruturas internas da organização, com o levantamento de nomes, codinomes e funções, além da reconstrução detalhada da organização interna, com nomes e codinomes das lideranças comunistas, a Radar mirava o jornal *Voz Operária* como foco, rastreando e reprimindo sua circulação e estruturação, além de organizar a invasão e fechamento das gráficas e pontos de venda da publicação.

Na mira da repressão, o PCB viu suas lideranças mortas, presas e exiladas, forçando uma necessidade iminente de reconfiguração dos quadros internos e aprofundando a relação entre repressão e reorganização da estrutura intra-partidária, principalmente quando considerada a difícil vida do Partido durante o regime militar, quando inúmeros quadros e dirigentes partidários foram exilados fora do país, sobretudo para os demais países da América do Sul e Europa. Configuração que tornou difícil a manutenção da vida partidária:

Até 1979, a rigor, não existia direção nacional do partido. Os dirigentes estavam todos no exílio. Os que não conseguiram sair acabaram sendo mortos, assassinados. Então, não havia um Comitê Central do PCB. Havia um grupo na Europa que, de tempos em tempos, mandava o jornal *Voz Operária* clandestinamente para o Brasil e

³ Em seu sexto Congresso, realizado em 1967, o Partido posiciona-se contrário à adesão à luta armada, inclusive com a expulsão de seus membros que, em seguida, formarão a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), como é o caso Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho.

⁴ Como aponta o Relatório da Comissão Nacional da Verdade: Entre março de 1974 e janeiro de 1976, foram mortos pela Operação Radar David Capistrano da Costa; José Roman; Walter de Souza Ribeiro; João Massena Melo; Luís Ignácio Maranhão Filho; Elson Costa; Hiran de Lima Pereira; Jayme Amorim de Miranda; Nestor Vera; Itair José Veloso; Alberto Aleixo; José Ferreira de Almeida; José Maximino de Andrade Netto; Pedro Jerônimo de Souza; José Montenegro de Lima, o Magrão; Orlando da Silva Rosa Bomfim Júnior; Vladimir Herzog; Neide Alves dos Santos; e Manoel Fiel Filho. Dessas vítimas, 11 são desaparecidos políticos, cujos restos mortais não foram entregues às famílias até hoje. Dezenas de outros dirigentes e militantes integrantes do CC do PCB também foram presos e torturados, embora não tenham sido assassinados. p. 642

algumas pessoas tinham acesso a ele. Era o que se tinha de orientação nacional.
ENTREVISTA MARCO AURÉLIO, 344.

A descrição de Marco Aurélio apresenta como a relação com o exílio aprofunda a necessidade de reorganização interna, ao passo que, neste cenário particular, permite a ampliação do contato entre militantes brasileiros com a literatura e a prática do comunismo internacional. Nesta dualidade, sob a perspectiva de construção da *Temas de Ciências Humanas*, o exílio ocupa um lugar central de acesso e difusão de temas marxistas estrangeiros, inclusive com a assimilação da discussão democrática⁵ e demais referências acadêmicas e políticas como Antonio Gramsci e Palmiro Togliatti, presentes em diferentes volumes da *Temas*.

Movimentar que impactou no campo acadêmico-universitário a partir da circulação e recepção de obras de cunho marxista, mas que eram expressão, também dos embates político-partidários do período, fazendo uso da ideia de construir uma “revista de posição” como tradução para o debate político no plano teórico. Sua tentativa estava em formar intelectuais organizadamente “armados”, buscando contribuir com a clareza ideológica do país, fortemente prejudicada pela repressão e por demais iniciativas teóricas (*Temas de Ciências Humanas*, 1980, p. XIV), uma busca que nadava contra a Direção do Partido, mas, também, à uma tradição eclética nas Ciências Sociais brasileiras, acusadas de “atraso ideológico”, sobretudo no campo marxista, em diálogo com o momento histórico em que a revista se organizou, tanto na discussão intelectual que circundava os grandes centros de pensamento, desde as universidades -sobretudo a USP e a Escola de Sociologia e Política (ESP)- até os centros de pesquisa e debate, como o CEDEC⁶, quanto na relação com o regime político e a relação partidária. A revista organiza-se em três eixos: artigos, traduções e documentos, pensados a partir da intervenção esperada pelo volume e, de forma geral, pelo periódico.

⁵ No contexto analisado a partir da *Temas*, o nome de Carlos Nelson Coutinho destaca-se. Exilado na Itália a partir de 1976, Carlos Nelson é representante da aproximação das discussões brasileiras às temáticas europeias, sobretudo no caso italiano com a relação com o Partido Comunista Italiano (PCI).

⁶ O Centro de Estudos e Cultura Contemporânea (CEDEC) surgiu em 1976 como “resultado do esforço coletivo de intelectuais e pesquisadores engajados em ampliar o arcabouço da reflexão sobre a transição democrática brasileira, em particular aquela pertinente ao lugar das classes populares, sua cultura e formas de organização política” em um movimento de transformação do ambiente intelectual e institucional, com relação à universidade, que permeou o Brasil dos anos 1970 em diante (MUSSI, 2020).

Traduções

No campo das traduções, observa-se uma predominância dos textos de Georg Lukács e do marxismo clássico, representado pelos textos de Marx e Engels. Em seguida, aparece Lenin com três textos e os autores do marxismo italiano: Antonio Gramsci e Giovanni Berlinguer. É no campo das traduções onde a *Temas* organiza sua principal intervenção no campo intelectual brasileiro, na tentativa de consolidar uma “nova hegemonia” que se contrapunha à realidade acadêmica nacional. Postura que aparece desde o seu primeiro volume, com as traduções de Gramsci e Lukács, já no primeiro volume, apresentada como parte de um movimento pensado de distanciar a revista da suposta “ideologia inocente”:

“Não existe ideologia ‘inocente’. A atitude favorável ou contrária à razão decide, ao mesmo tempo, da essência de uma filosofia e de seu papel no desenvolvimento social” (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VIII).

A dupla de autores, que dará o tom das traduções e disputas de *Temas*, aparecem justificados pela postura do “caráter-metodológico” e a discussão da hegemonia, olhada pela perspectiva da direção política e intelectual das classes sociais (Temas de Ciências Humanas, 1977a, p. VIII), característico da referência gramsciana. De forma quantitativa, sobretudo nos primeiros volumes, a presença de Lukács é mais frequente, o húngaro aparece em sete momentos do periódico, entre traduções e artigos que articulam suas ideias, como é o caso do texto de José Paulo Netto: “Lukács e a problemática cultural da Era Stalinista” (vol. 06, 1979), exemplo da postura da revista em acompanhar um movimento de recepção do marxismo europeu que se estabeleceu no Brasil a partir dos anos 1960. Ainda que, de forma geral, o conjunto das traduções dificilmente acompanhe a publicação original, com maior frequência por obras que já tenham sido publicadas em outros locais, como a tradução de Lenin vinda do castelhano, no quinto volume e a própria republicação de Lukács, em “Carta sobre o Stalinismo”, antes publicada na Revista Civilização Brasileira.

A tradução, nesse sentido, visava impactar um campo que se contrapunha ao marxismo latente à tradição comunista brasileira, que antecede ao golpe de 1964 e as transformações na linha do PCB, como um momento em que as principais referências de marxismo constavam nos manuais soviéticos de "marxismo-leninismo", em um terreno bastante débil de referências teóricas. O golpe seria, portanto, o momento de virada na percepção pecebista, acompanhado pelo ascenso de lutas populares e o desenrolar da crise provocada pela divulgação dos crimes soviéticos. Sob esse aspecto, a crise do Partido se

estendia anos após a realização do XX Congresso do Partido Comunista Soviético em 1956, onde começa a ruir a ortodoxia stalinista a partir de documentos como o relatório Kruschev (BRANDÃO, 1997; LIMA, 2010; SANTOS, 1994), o que catalisa a atenção militante dos comunistas brasileiros e acirram os debates que refletem na *Declaração de Março de 1958*, em que é assentada a estratégia da via democrática para o socialismo, assim como o surgimento de uma burguesia nacional interessada no desenvolvimento econômico e independente do país (PCB, 1958).

Já no contexto dos anos 1960, esse meio de conturbação no comunismo internacional, permitiu à direção uma maior permeabilidade às diferentes referências teóricas:

[...] a direção parecia ter compreendido que a renovação do marxismo era o pressuposto necessário para que o PCB continuasse a exercer influência sobre uma esquerda que se expandia, sobretudo entre os intelectuais e os estudantes (COUTINHO, 1998, p. 125).

Momento a partir do qual passam a circular, com maior espaço, traduções de Gramsci, Lukács e demais autores internacionais no campo brasileiro. Ainda que, neste primeiro momento, resultando em uma recepção negativa e restrita dessas obras, o que os levou às estantes de saldão e sustentou um ambiente hostil às recepções de Gramsci e demais autores até 1970.

Quando se abre um segundo momento de recepção das obras marxistas, sobretudo de Gramsci e Lukács, em que insere-se a *Temas*, integrante da segunda onda de circulação destes escritos no Brasil, virada marcada por transformações na conjuntura e na própria percepção da linha política comunista. Em que a repressão havia dizimado a luta armada e enviado os principais nomes da direção partidária para o exílio, abrindo um flanco para que ideias divergentes encontrassem espaço para atuação. Carlos Nelson Coutinho indica, retrospectivamente, duas causas principais para essa recepção positiva nos anos 1970: (1) a abertura gradual do regime, criando um clima de maior pluralismo na vida cultural e (2) uma reavaliação na esquerda radical de seus métodos, a partir da falência da luta armada e a não ausência do PCB no flanco deixado por sua crise (COUTINHO, 1998, p. 131).

O historiador José Antonio Segatto indica, ainda, um contexto maior de difusão das ideias gramscianas na europa entre 1975 e 1976, o que amplia a recepção da *intelligentsia* brasileira ao autor, que passa a ganhar adeptos e emplacar conceitos, sobretudo *sociedade civil* e *hegemonia*, entre a intelectualidade brasileira do período (SEGATTO, 1998, p. 180), com forte impacto da relação entre os militantes e intelectuais brasileiros e os exilados

políticos, contexto em que os intelectuais que compõem a *Temas* aparecem com destaque. Presentes no primeiro momento de recepção e circulação das ideias “eurocomunistas”, os intelectuais que circulavam no Partidão foram força motriz da retomada dessas ideias no Brasil. Nessa “operação Gramsci”, como descreve Coutinho, os jovens quadros comunistas empenharam-se no esforço de construção e circulação de textos marxistas por diferentes vias, divulgando-os enquanto possíveis alternativas teóricas para os problemas concretos da realidade brasileira. Gramsci, enquanto representante dessa geração, deixava de ser um filósofo das estantes e passava a ocupar o lugar de “maior teórico marxista da política” (COUTINHO, 1998, p. 131) ou o produtor da “melhor sociologia política do nosso tempo”, como descrito por Luiz Werneck Vianna na *Presença* (PRESENÇA 7, VIANNA, 1987, p. 6).

O movimento dentro da universidade, por sua vez, andaria em conjunto com a formação dos periódicos. O ambiente contra quem a *Temas* se enfrentava estava marcado pela Escola Paulista de Sociologia, sobretudo pela figura de Florestan Fernandes, mas, também, por sua capacidade de reunir quadros intelectuais: somam-se às trajetórias que passam pela ESP. Assim como pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, que também se encontra nesse mapa intelectual, centro a partir do qual os periódicos entraram em circulação e contato com a intelectualidade do período. É também nesse espaço que alguns editores da *Temas* terão contato com textos estrangeiros, como é o caso de Milton Lahuerta⁷ e Antonio Gramsci, a partir do texto “Os intelectuais e a organização da cultura”, integrante da ementa da disciplina lecionada por Francisco Weffort e José Álvaro Moisés no curso de Ciências Sociais da USP em 1976⁸.

A circulação de Gramsci nas disciplinas universitárias, no entanto, teria início com Oliveiros Ferreira na disciplina “O conceito de hegemonia em Ciência Política” no programa de Pós-Graduação da USP. Além de Oliveiros, Weffort faria uso de Gramsci nos “Seminários de Pós-Graduação” que discutiam, além de Gramsci, autores como Hannah Arendt, Tocqueville e Maquiavel. Ivete Simionatto aponta como Gramsci representava a busca por

⁷ Milton Lahuerta é representante de uma geração mais recente entre os intelectuais da *Temas*, tanto que sua incorporação ao periódico acontece apenas no Corpo Diretivo do último volume. Em contrapartida, ele construiu sua trajetória com a participação em outras iniciativas organizadas pelos mesmos intelectuais -salvo ressalvas- e se dedicou ao estudo desta experiência intelectual, tornando-se uma referência no campo.

⁸ Este período foi de grande movimentação político-intelectual, exemplo disto é a formação de centros de pensamentos como o CEDEC. Neste caso particular, a observação da filósofa Marilena Chauí ajuda a compreender a conjuntura intelectual do período, jogando luz às discussões que permeavam o grupo ao redor da absorção de novas referências, oriundos, sobretudo do exterior com foco no debate da “Análise crítica das ideologias”, de modo que: “As discussões retomavam as análises de Gramsci sobre hegemonia e sobre a cultura. E começaram a ser feitas as primeiras análises sobre a ideologia da Segurança Nacional, espalhada por todo o continente latino-americano.” (CHAUÍ; NOGUEIRA, 2007, p. 185)

um novo horizonte político e teórico:

Weffort (1992) aponta para o “mal-estar” que caracterizou este período, quando a simples aceitação dos fatos havia se tornado eticamente insuportável. Assim, “para muitas pessoas, o pensamento de Gramsci remetia a um momento ético-político que se contrapunha à interpretação determinista que se fazia de Marx” (SIMIONATTO, 1995, p. 112).

Marco Aurélio Nogueira seria, de acordo com Simionatto, um dos alunos de Weffort, a quem a leitura de Gramsci também informava uma via entre socialismo e liberalismo, por fora de um Gramsci marxista ou marxista-leninista. A FFLCH se conformava, assim, como um centro por onde o pensamento gramsciano circulava, local onde Raul Castell mantinha sua banca de livros como parte das atividades da Livraria Editora de Ciências Humanas. E que, anos a frente, se tornará a casa de grandes nomes do Partido como docentes e pesquisadores, como é o caso de Gildo Marçal Brandão. Já Lukács teria uma passagem ainda mais atravessada pela universidade, com os estigmas do anticomunismo de “esquerda e de direita”, o autor permanece escanteado dos centros de pensamento até alguma aparição nos anos 1980⁹, salvo momentos nos anos 1970 a partir de autores como Michael Lowy e o próprio Carlos Nelson Coutinho (FREDERICO, 2010), com quem Lukács trocava correspondências.

Relação do húngaro com os intelectuais e a revista que aponta para uma receptividade concentrada em três eixos principais: (1) a ênfase metodológica, de fundo Lukacsiano, (2) a republicação de textos de importância significativa para a história brasileira, e (3) a análise da realidade concreta, o que conformam seu caráter voltado para a discussão acadêmica, mesmo que de olho na intervenção “real”. Já no caso de Gramsci, a incorporação à *Temas* acontece de modo gradual e, apesar de o sardo aparecer no primeiro volume, sua reaparição acontece apenas no nono volume, o que indica a heterogeneidade da composição da *Temas* e atenta para o movimento realizado pela revista com relação às traduções. Nesse sentido, há uma alteração nesta relação: até o sétimo volume os autores traduzidos restringiam-se aos clássicos de Marx, Engels e Lenin, com a aparição dos italianos Antonio Gramsci, Giovanni Berlinguer e Luciano Gruppi em menor número e Lukács - que destaca-se nos volumes por aparecer em discussões relatadas em artigos, além das traduções de textos próprios-. Já a partir do oitavo volume, acompanhando as alterações gerais do periódico, aparecem autores de diferentes nacionalidades, em um movimento de reação à conjuntura que a revista

⁹ Quando Wolfgang Leo Maar dedica duas teses ao filósofo: O coração e as almas. Introdução à leitura da teoria política em Lukács - 1918-1920 (1980) e Formação da teoria em História e consciência de classe de Lukács (1988).

enfrentou. Ampliação que conversa com os objetivos iniciais da *Temas*, na ânsia pela “ampliação e o enriquecimento de discussões francas e abertas, que ambicionam ser algo mais do que meras trocas de ideias” (v. 05, 1979, pg. VIII), proporcionando um movimento de ampliação do campo teórico a partir do alargamento das referências intelectuais e internacionais. Dando sentido ao apontado por Burke e Chia (2007) quando observam as dinâmicas de tradução entre diferentes culturas, compreendendo a tradução enquanto um processo de negociação entre diferentes culturas, em que o “*o que é*” traduzido parte de uma análise dos interesses e debilidades nas culturas alheias, ou seja, traduzimos o que “falta” em nossa cultura (BURKE; HSIA, 2007, p. 46).

Sob essa lógica, os textos ocuparam o lugar da formação democrática, com um perfil alternativo ao "revolucionarismo" pecebista da direção, o que permite compreender a heterogeneidade nas traduções trazidas pela *Temas* como parte da construção de um projeto de intervenção na linha cultural e política do PCB e, de forma geral, na construção de um campo ampliado que acenasse para o espectro progressista, sobretudo no meio intelectual, o que a *Temas* enquanto periódico atento à produção acadêmica e à conjuntura política, de forma concomitante, resume. Processo que permite uma atualidade em sua produção que estende a lógica da tradução em tempo real, tornando-se mecanismo vivo de análise, sobretudo por seu caráter político de intervenção na conjuntura latente. Nesse contexto, seu dinamismo interno, as disputas que perpassam cada volume, a escolha dos textos traduzidos e, mesmo no caso de artigos nacionais, a opção por articular ou referenciar determinados autores, também importam na construção do periódico e apontam para sua vitalidade.

Artigos

O que também se observa no levantamento dos artigos, onde a circulação das discussões permeiam o campo acadêmico-intelectual e, ao mesmo tempo, partidário aparecerem sob a ótica das temáticas empenhadas pelos autores em suas publicações. Em suma, o movimentar do periódico, marcado pelas traduções também aparece refletido nos artigos, sejam eles publicações inéditas ou não. Nesse sentido, a participação predominante de nomes do marxismo brasileiro e internacional revela uma busca pelo diálogo com demais periódicos do período, tanto pelo intercâmbio de autores e textos quanto pela inserção nas pautas que permeavam o meio acadêmico no período. Desse modo, as discussões circulam em torno do debate acerca da intelectualidade, o totalitarismo, a economia e a cultura, além de uma atenção especial à questão agrária e à democracia.

Neste perfil, o primeiro volume é exemplar em trazer diálogos com demais periódicos e assentar um perfil de debate e circulação na intelectualidade, sobretudo de ênfase marxista. A edição traz a publicação de cinco artigos, com aparição restrita dos autores que compõem o Corpo Diretivo, ou seja, são publicados artigos de Sodré, Chasin, Gildo e Marco Aurélio. Nos três primeiros casos, publicações que remetiam à sua trajetória: Sodré publica o primeiro volume da História do ISEB, publicação organizada em três volumes da *Temas*, Chasin traz parte de seu estudo sobre o totalitarismo e Gildo apresenta o artigo “Totalidade e Determinação Econômica” apresentado como parte de um estudo financiado pela FAPESP¹⁰, discutindo a questão econômica, já Marco Aurélio apresenta um texto inédito articulando os conceitos de “racionalidade” e “burocracia” em Weber, na linha das discussões com a intelectualidade e o ecletismo das Ciências Sociais, central para a *Temas*.

Chama a atenção, ainda no primeiro volume, a publicação do texto de Braz José de Araújo articulando os conceitos de Caio Prado Júnior, em especial sua aparição na *Revista Civilização Brasileira* a partir do reconhecimento de Caio Prado como “introdutor da moderna ciência social no Brasil” (*Temas de Ciências Humanas*, 1977). O destaque à esta publicação aparece não só pela discussão e referência a Caio Prado, na tentativa de localizar a revista no meio acadêmico, sobretudo paulista, por onde circulou, mas também pela introdução à discussão sobre a questão agrária, que aparecerá de forma recorrente no periódico. O texto é apresentado como a introdução de uma série de pesquisas sobre a questão agrária no Brasil, que não aparecem na *Temas*, já que o artigo é *filho único* de Braz José de Araújo na revista, apesar da persistência do tema nos próximos volumes.

O que pode ser observado no volume seguinte, quando a temática agrária aparece sob a ótica da “via prussiana”, reincidente em artigos publicados nos volumes quatro, sete e oito, com destaque para o texto de Ivan Ribeiro: “A importância da exploração familiar camponesa na América Latina” (4º volume, 1978) cuja abordagem do conceito leniniano o consagrou no meio dos estudos agrários e da formação social brasileira, inclusive com relativa importância para o texto publicado na *Temas*¹¹. Sobretudo no contexto em que o uso da “via prussiana”

¹⁰ O estudo e a vivência de Sodré com e sobre o ISEB será marca de sua trajetória (SODRÉ, 2011), também nesta linha, o texto publicado por José Chasin se relaciona com os estudos que compuseram sua tese de Doutorado, apresentada em 1977 sob o título “O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio” e, no caso de Gildo Brandão, seu artigo é integrante do projeto temático da FAPESP e reapresentado anos demais, em: BRANDÃO, Gildo Marçal. 2010j. Totalidade e determinação econômica. In: COELHO, Simone de Castro Tavares (org.). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais* São Paulo: Hucitec; Fapesp

¹¹ Ivan é lembrado por seus companheiros como referência, como demonstra o texto de Raimundo Santos, publicado em 2006, em que, além de referenciá-lo, evidencia a relação e relevância do autor com o conceito de “via prussiana”: “A propósito disso, recorde-se que, em um de seus artigos publicados no *Jornal da República* em 1979, Leandro Konder chama a atenção para o fato de que, entre os autores que àquela época mobilizam o

como forma de reconstrução da história brasileira e, em casos particulares, como estratégia de superação do capitalismo encontravam espaço no meio intelectual e partidário do período, marcado por publicações como “A Democracia como valor universal”, publicado em 1979 por Carlos Nelson Coutinho que, apesar de não aparecer na *Temas* levanta a discussão e reforça o ambiente político e intelectual no qual a publicação se inseriu.

No texto, Coutinho demonstra como o vínculo socialismo-democracia é parte integrante do marxismo aproximando-os enquanto parte de um mesmo processo de assimilação: não há socialismo sem a democratização constante de suas instituições, com o processo de socialização dos meios de governo. No caso brasileiro, a renovação democrática seria uma alternativa à “via prussiana”, isto é, a tendência elitista da política brasileira que teria levado à dominação de uma oligarquia monopolista que esmaga a população. Coutinho evidencia como a superação da via prussiana só seria possível através da defesa de um regime de liberdades democráticas para as forças populares, seguido da consolidação de um regime democrático que consolide e avance os objetivos finais socialistas. Nesse sentido, a conquista da democracia política é a criação de uma base que deve ser aprofundada, não substituída por meios de dominação não-democráticos. Defendendo, portanto, duas tarefas urgentes: (1) a consolidação de um regime de liberdades fundamentais e (2) a organização de uma democracia de massas para uma posterior conquista socialista (COUTINHO, 1979). Cujas inspiração advém da discussão iniciada por Enrico Berlinguer e encontra força no texto de Coutinho:

E, se hoje se generaliza entre os marxistas ocidentais a rejeição do “modelo soviético” como modelo universal de socialismo, isso resulta em grande parte de uma diversa concepção do vínculo socialismo-democracia por parte desses marxistas. Concepção que Enrico Berlinguer sintetizou expressivamente no discurso que pronunciou em Moscou, em 1977, por ocasião do 60º aniversário da Revolução de Outubro: “A democracia é hoje não apenas o terreno no qual o adversário de classe é obrigado a retroceder, mas é também o valor historicamente universal sobre o qual fundar uma original sociedade socialista”. Essa universalidade não deve ser concebida apenas num sentido teórico; o valor da democracia não se limita a áreas geográficas (COUTINHO, 1979).

Esta referência à Berlinguer, via Coutinho, também é reconhecida por seus pares: Armênio Guedes e Marco Aurélio Nogueira rastreiam a formulação original de Berlinguer,

conceito leniniano de "via prussiana", já estava Ivan Ribeiro, por conta do seu texto chamado "A importância da exploração familiar camponesa na América Latina", publicado na revista de São Paulo *Temas de Ciências Humanas*, em 1978 (Konder, 1979; 1980)". (SANTOS, 2006)

acrescentando a contribuição de Palmiro Togliatti para a concepção final de Coutinho, a partir da noção de *democracia progressiva* (CASTRO, 2013, p. 181). Ao fim, o texto de Coutinho tornou-se um marco das discussões democráticas brasileiras, delineando as defesas da linha democrática na disputa interna do partido. Como exemplo de seu impacto, há a publicação, ainda em 1979, do texto de Adelmo Genro Filho: “A democracia como valor operário e popular” que dialogava diretamente com Coutinho, assim como o livro publicado por Leandro Konder no ano seguinte: “A Democracia e os Comunistas no Brasil” (1980) (PANDOLFI, 1995, p. 216).

Na *Temas*, a presença de Coutinho é pontual, são publicados os textos: “Kafka: Pressupostos históricos e reposição estética” (1977) no 2º volume, em que o autor apresenta uma relação da obra de Kafka e sua relação com Lukács¹²; a tradução do texto de Lukács “As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem” (4º volume, 1978) e o artigo “Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil”, anteriormente apresentado no curso de história do Brasil promovido pela AUPHIB (Associação de Universitários e Pesquisadores de História do Brasil) e referenciado em Gramsci¹³. Chama a atenção, ainda, a tradução de “Sexo e Sociedade” do italiano Luciano Gruppi, apresentado pelo autor no Instituto de Estudos Comunistas “Palmiro Togliatti”, publicado na Crítica Marxista de maio de 1974 e traduzido por Amélia Coutinho, militante também exilada na Europa e companheira de Carlos Nelson. Sua participação na ponte entre o Brasil e a literatura marxista que circulou na Europa nos anos 1970, sobretudo na Itália, é fundamental, Coutinho vivenciou o exílio na Itália entre 1976 e 1977, trazendo consigo as referências e movimentações do Partido Comunista Italiano (PCI).

Evidenciando uma relação entre os textos e as figuras que permite observar uma confluência na publicação de textos do marxismo internacional e os autores em exílio, com contato às discussões dos Partidos Comunistas internacionais, sobretudo na França e Itália. Relação que, na *Temas*, ocupou lugar central, sobretudo a partir da mediação de Marco Aurélio Nogueira, responsável pela conexão entre a revista e os intelectuais do partido na

¹² Coutinho mantinha uma relação pessoal com Lukács, registrada por suas correspondências. Como exemplo dessa relação, há, ainda, o prefácio do livro de Coutinho, “O Estruturalismo e a Miséria da Razão” (1972), em que o autor descreve: “Estimulado por uma carta que Lukács me escreveu em 26 de fevereiro de 1968- na qual dizia explicitamente que o estruturalismo era, naquele momento, “o maior obstáculo a um desenvolvimento do marxismo”- resolvi redigir um texto teórico de combate ao estruturalismo, baseado metodologicamente nas indicações ontológicas que o último Lukács fizera em algumas entrevistas (sua *Ontologia do ser social* era ainda inédita na época) (COUTINHO, 2010a, p. 5).

¹³ O nome da conferência, publicada na *Temas* em forma de artigo, faz referência ao livro de Gramsci: “Os Intelectuais e a Organização da Cultura”, publicado no Brasil com tradução de Carlos Nelson Coutinho.

Europa, sobretudo no contato com Carlos Nelson Coutinho, Mauro Malin, Leandro Konder e Ivan Ribeiro, o que tornou possível essa elaboração do exílio dentro da *Temas*.

Contribuição que aparece em Ivan Ribeiro e Carlos Nelson, mas também com Leandro Konder e a publicação de cinco textos na *Temas*, entre eles entre elas a tradução de “Carta sobre o Stalinismo” (1º vol, 1977), o artigo “Rebeldia, Desespero e Revolução no Jovem Lukács” (2º vol, 1977) e a entrevista “A autocrítica do marxismo” concedida pelo húngaro para Konder em 1969, publicada no 4º volume da *Temas*, de 1978. Além disso, Konder publica os artigos “Hegel e a Práxis” no 6º volume e “O PCB no Imediato Pós-Guerra (1945-46)” no 8º volume, de 1980. Participação que dedica atenção a outro eixo da *Temas*: a forte presença de Lukács, sobretudo nos primeiros volumes.

Assim como na ótica das traduções, os artigos expressam a relevância do húngaro na construção da revista, evidenciado para além da tradução de “Carta sobre o Stalinismo” e da citação no primeiro editorial, com a recorrência de seus conceitos e temáticas, sobretudo nos textos de José Paulo Netto, com destaque para o texto “Lukács e a problemática cultural da Era Stalinista” (6º volume, 1979)¹⁴ em que o autor defende uma visão anti-dogmática de Lukács frente ao Stalinismo, explicitado na nota de rodapé que acompanha o artigo:

[...] recuso-me quer a considerar Lukács um sequaz da dogmática, quer a idealiza-lo acima dela- penso que as conexões entre Lukács e as consequências do modelo de socialismo que derivou do fracasso da Revolução concebida “classicamente” (isto é: no Ocidente industrializado e burgêses) são multívoca e particularmente complexos [...] gostaria que a posição evidenciada agora (dezembro de 1978) fosse tomada como meu trânsito de uma “lukacsofilia” sincera para uma apreciação crítica do extraordinário pensador (*Temas de Ciências Humanas*, 1979, p. 17).

A presença de Lukács nos artigos se mantém marcante até o sétimo volume, momento a partir do qual a revista ganha discussões conjunturais, como nos artigos de Luiz Werneck Vianna¹⁵ “Notas sobre a Conjuntura Brasileira”¹⁶ (8º volume, 1980) e “ABC 1980: A Dura Luta pela Conquista da Cidadania Operária” (9º volume, 1980), originalmente publicado no

¹⁴ O texto seria republicado 40 anos depois, reforçando sua importância, ver em (NETTO, 2019)

¹⁵ A partir da reconstrução da época, sobretudo a partir de entrevistas, compreende-se que Luiz Werneck Vianna não integrou o grupo da *Temas* por divergências ideológicas e políticas, como relembra Lahuerta: Mas, ele não tinha muita afinidade com o grupo que viria a fazer *Temas*. Isso se devia a um estilo intelectual distinto, com mais atenção à política e à correlação de forças, do que às questões doutrinárias. Werneck sempre tivera muitas reservas a Lukács. Anos mais tarde, perguntado sobre isso, respondeu-me: “Lukács não tem política, aquilo ali é um verdadeiro muro, você olha e não vê nada, só vê um breu. Não dá! Eu sou um cara da política, quero encontrar a passagem. Sou leninista, quero a ação. Não dá para ficar só nessa discussão em torno do método. É claro que para ser marxista é preciso ser metodologicamente bem fundado, mas isso não funciona por si”. (SILVA, 2021, p. 371)

¹⁶ O texto, no entanto, não é de publicação inédita na *Temas*. Seu original encontra-se na revista portuguesa *Raíz e Utopia* e foi republicado na *Temas*.

semanário *Voz da Unidade* (São Paulo, nº 5 (de 01 a 07 de maio de 1980) e 7 (de 15 a 21 de maio de 1980)). De forma recorrente, aparecem artigos sobre o Partido Comunista Brasileiro, com destaque para a trilogia da “Contribuição à História do PCB” publicada por Nelson Werneck Sodré. Quanto à Antonio Gramsci, autor que move a disputa em torno da revista, a partir da absorção de suas tradições, é presença escassa nos artigos, com apenas duas aparições relevantes: o artigo de João Agostinho A. Santos, “Gramsci: Ideologia, Intelectuais Orgânicos e Hegemonia”, publicado no 9º volume e a Conferência “Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil” apresentada por Carlos Nelson Coutinho em 1980 à AUPHIB e republicada em forma de artigo na *Temas*. Movimento conectado à nova fase da revista, declarado na transformação do Corpo Diretivo e da absorção de novas referências do marxismo internacional, sobretudo no campo da cultura, refletido na ótica dos artigos.

Documentos

Movimento que também ocorre quando olhamos para os documentos presentes na *Temas*, retificados enquanto importantes marcos da trajetória nacional, a quem a revista buscou rememorar, sobretudo sob a ótica socialista. Neste mapa das publicações, a *Temas* reforça seu caráter de fusão e disputa entre teoria e prática, como haviam se proposto:

Propõe-se fundamentalmente a publicar textos voltados para o exame dos objetos pertinentes a esta área do conhecimento. Busca, também, rechaçar a especulação estéril, a atividade teórica fechada em si mesma e, por extensão, aceitar e ser fiel à teoria que procura investigar, por detrás das aparências e manifestações fenomênicas, a estrutural social real, a prática efetiva dos homens; em outros termos, que se empenha em realizar análises concretas de situações concretas, operar colada ao real (*Temas de Ciências Humanas*, 1977, p. VII).

Em que a tentativa de unir a produção teórica e a prática política aparece com ênfase, expresso na produção de análises da “realidade concreta”, com o rechaço à atividade teórica fechada e restrita em si, isto é, a produção acadêmica que não dialoga para além de suas fronteiras, personificada no “positivismo” de fundo “ecclético” presente nas Ciências Sociais Brasileiras, a quem a *Temas* buscou se contrapor apresentando um periódico que prestasse serviço à comunidade universitária em nível “didático-pedagógico” (*Temas de Ciências Humanas*, 1977a, p. VIII).

Ao longo da trajetória da revista são publicados poucos documentos, em um demonstrativo de que a preocupação inicial de republicação documental, tão reforçada nos primeiros editoriais, acaba se perdendo com o andamento da publicação que, em toda a sua

extensão, publica apenas quatro documentos enquanto, em um comparativo, são publicadas cerca de 60 artigos e 20 traduções. No primeiro volume aparece o “Manifesto da Associação Industrial (1881)”, justificado por carregar a “essência” dos elementos que compõem a industrialização brasileira. Nos volumes 02 e 04 aparecem, respectivamente, o “Manifesto do Partido Socialista Brasileiro (1902)” e o “Parecer sobre a criação da Inspeção de Algodão em Pernambuco (Recife, 10 de junho de 1867)”. O documento que chama a atenção, no entanto, é a republicação da “Resolução Política do CE da Guanabara do PCB” (Março de 1970), acompanhado de uma apresentação redigida por Armênio Guedes no 10º volume da *Temas*. No texto, Armênio crítica a adesão à luta armada:

Muitos- pessoas e organizações-, levados pelo desespero e pela falta de perspectiva, se deixaram arrastar, com base numa análise falsa, para as posições da luta armada e do uso indiscriminado da violência, como formas únicas e exclusivas de ação política no combate para liquidar a ditadura (Temas de Ciências Humanas, 1981, p. 71).

Além de defender uma saída democrática ao regime, impondo sua derrota e intensificando a formação de *frentes* em oposição à ditadura:

Devemos partir de ações parciais em todos os níveis do movimento de massas ou dos acordos de cúpula, a fim de conseguir que aquele sentimento passivo vá tomando forma, pouco a pouco, até se transformar num grande movimento nacional, em frente única, que englobe os sindicatos, o movimento estudantil, a Igreja Católica, os partidos e os políticos da oposição- um movimento que expresse, em nível superior, a rebeldia brasileira contra o processo de fascistização do país (Temas de Ciências Humanas, 1981, p. 86).

O texto é a única aparição de Armênio Guedes na revista, apesar de seu papel de referência política para a geração que compõe a *Temas*¹⁷. Publicação que reforça a predileção da revista por uma linha política que discuta a política na perspectiva de uma “democracia que se abre ao socialismo”, na contramão das alternativas guerrilheiras.

O que dialoga diretamente com o momento conjuntural em que a *Temas* se inseriu, a partir de seu contexto político e intelectual em que a discussão estratégia pairou entre os

¹⁷ Esta relação é descrita por muitos dos intelectuais e militantes do partido que conviveram com Armênio, como exemplo, a entrevista concedida por Milton Lahuerta destaca a relação de referência político-intelectual ocupada por Armênio: “Ou seja, o que eu quero dizer é que, dentro do ambiente da renovação, havia posições muito diferentes. Sem dúvida, a figura mais emblemática era o Armênio Guedes. [...] Central. Era o Armênio que articulava esse pessoal. E, num certo plano, para a minha geração, ele era uma espécie de patrono. Ele sempre foi uma figura sensacional. Morreu com quase 100 anos. Encontrar o Armênio era um deleite. Sempre foi uma pessoa extremamente afável. Quando o conheci, eu devia ter 26 anos, se tanto, ele tinha 60. E a gente conversava como dois amigos da mesma idade”. (SILVA, 2021, p. 392)

caminhos para o alcance da democracia, isto é, qual estratégia a ser seguida na luta pela democracia e o socialismo no Brasil? Discussão que perfila o Partido em diferentes vertentes, com forte impacto da produção comunista do exílio. A partir desta leitura, o PCB viu suas fileiras divididas em três grandes grupos: os renovadores, em torno da figura de Armênio Guedes; os centristas reunidos por Giocondo Dias e os revolucionários em torno de Luís Carlos Prestes (NAPOLITANO, 2014b), transformando-se em um embate expresso nas movimentações do Partido e marcado por três momentos: (1) A publicação do texto “A Democracia como valor universal” por Carlos Nelson Coutinho, em 1979¹⁸; (2) A saída de Luís Carlos Prestes do Partido com a publicação da “Carta aos Comunistas” em março de 1980 e (3) A realização do VII Congresso que consolidou a liderança de Giocondo Dias em 1982/84.

Este movimento que reúne o impacto da repressão e do exílio à uma movimentação nas discussões intelectuais e partidárias quanto ao perfil do regime militar, suas formas de superação e, sobretudo, à estratégia a ser adotada pelos comunistas compõe a *Temas* enquanto um periódico que se relaciona, profundamente, com a conjuntura de sua criação, dentro e fora do Partido. Inclusive por acompanhar, em sua trajetória, a movimentação do Partido em reação à conjuntura acidentada do final dos anos 1970, expresso em documentos como a “Resolução de 1978”, publicado pelo Comitê Central do Partido no *Voz Operária*, sem citação na *Temas*, reforçando a animação com a explosão sindical do final da década, o enfraquecimento do regime movido pela situação operária e econômica, a conjuntura internacional, a união de forças de oposição (“Resolução Política”, 1978) e a própria Lei da Anistia, de 1979 que, a partir da volta dos presos políticos, resulta em uma reestruturação interna, com o retorno dos quadros dirigentes do exílio.

Na *Temas*, a republicação do documento de Armênio rememora a publicação de 1970 reafirmando o valor de uma tradição e linha política, inclusive fazendo frente à Resolução de 1978, reforçando sua posição na disputa interna do partido e, de modo geral, no contexto de disputa por novos centros hegemônicos dentro do marxismo nacional, a partir da absorção e centralidade de novas referências, somado ao movimento da conjuntura política.

Do Corpo Diretivo

Torna-se fundamental, portanto, dar rosto às figuras que compuseram esta iniciativa editorial a partir de uma reconstrução do Corpo Diretivo e suas variações. A *Temas* inicia

¹⁸ Publicado originalmente na Revista *Encontros com a Civilização Brasileira* e, posteriormente como parte de livro, em 1980, capaz de expressar a orientação democrática do grupo (LUCCA-SILVEIRA, 2017).

concentrada em quatro nomes: Marco Aurélio Nogueira; Gildo Marçal Brandão; José Chasin; Nelson Werneck Sodré. Composição que se altera a partir do oitavo volume da revista e passa a incorporar diferentes nomes e vertentes de pensamento, assim como um desalinhamento com antigos nomes, como José Chasin, que deixa o Corpo Diretivo no décimo, e último, volume. Mudanças que indicam processos de rupturas e fusões capazes de expressar um movimento na linha editorial como consequência dos debates políticos movimentados pelos intelectuais que atuaram com o grupo. Assim, como parte do movimento de formação da *Temas*, na acidentada conjuntura que marca o Partido Comunista e seu espectro político, estão as alterações no Corpo Diretivo da publicação. De início, a revista é fundada com quatro nomes: Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, José Chasin e Nelson Werneck Sodré e publicada pela Editorial Grijalbo Ltda., já sob responsabilidade de Raul Mateos Castell, que anos a frente assume a Livraria Editora de Ciências Humanas¹⁹, responsável pela publicação da *Temas* a partir de seu terceiro volume (1978).

A formação deste grupo inicial é marcada por uma afinidade teórica e união de diferentes gerações e momentos de vida, como sugere Gildo Marçal Brandão:

Nós éramos mais marxistas do que comunistas e nós, pra ter uma ideia, nós convidamos pra fazer parte do comitê editorial da revista duas figuras modelares na época. Uma era o Nelson Werneck Sodré, que era mais distante da gente, e outra era Caio Prado Júnior. Nós convidamos os dois pra balizar “eis de onde nós somos, de onde nós viemos”. Era pra dizer, sem dizer, nós éramos dessa tradição. O que tinha na época era o que? O Cebrap, Cedec... O Caio Prado não aceita. O Nelson Werneck aceita. Então, a revista foi feita por mim, pelo Marco, que foi quase que um secretário editorial, o Raul que era o dono da editora e fazia parte também, embora não aparecia o nome, mas, era o dono da editora.” (BRANDÃO, 2010a, grifos nossos).

Reforçando a ativa participação de Sodré, mesmo que de forma catedrática, na construção do periódico:

Recordo-me das cartas que trocamos e das inúmeras reuniões da Comissão de Redação da revista *Temas de Ciências Humanas*, que com ele integrei na segunda metade dos anos 70. O «general» não se cansava de defender o diálogo com os jovens estudantes e pesquisadores (NOGUEIRA, 1999).

¹⁹ Fundada em 1975 por Raul Mateos Castell, a Editora estabeleceu vínculos com a universidade, sobretudo a USP e o PCB, e tornou-se responsável pela publicação de livros marxistas relevantes, além de manter, na rua 7 de Abril, no Centro de São Paulo, a Livraria Ciências Humanas. Para além da Livraria e Editora, Raul manteve-se figura frequente no meio universitário com sua banca, localizada no prédio de Ciências Sociais da FFLCH-USP, ambiente que movimentou estudantes, professores e curiosos até seu fechamento, em 2020.

Sodré levou para a *Temas* seus anos de tradição, reforçando seu papel simbólico *de peso* na construção de um periódico que acabara de nascer, tornando-se o autor mais recorrente na *Temas*, presente em oito volumes da publicação. A característica definidora de seus artigos, no entanto, demonstram seu distanciamento do cotidiano da publicação. Em grande medida, são textos que vieram de livros e coletâneas do autor, integrantes de coletâneas e livros paralelos, à exemplo dos artigos sobre a História do ISEB, presentes nos três volumes iniciais de *Temas* e anteriormente publicado no livro “A verdade sobre o ISEB”, de 1978 e os textos “Contribuição à História do PCB”, também publicados em livro. Com isso, sua presença ocupa um referencial teórico importante para a consolidação e reconhecimento da *Temas* no meio acadêmico, mesmo que, nas diferentes narrativas posteriores, esteja acompanhado de um afastamento na relação com as questões diárias e editoriais da revista, Sodré acompanhou a *Temas* até seu fim, em 1981.

Outra figura de longa trajetória do Corpo Editorial da *Temas* é José Chasin. Central na construção da *Temas*, Chasin carregava em seu histórico a publicação de Georg Lukács no Brasil, com *Existencialismo ou Marxismo* (1967), publicado pela Editora Senzala²⁰, além de uma articulação com o grupo de Caio Prado Jr. na *Revista Brasiliense*, ainda nos anos 1960. A aproximação com Nelson Werneck Sodré, Marco Aurélio e Gildo Marçal Brandão se dá na Escola de Sociologia e Política, local em que defende sua tese de doutoramento em 1977²¹. Na *Temas*, integra o Corpo Editorial por 9 volumes, além da publicação de quatro artigos, que o coloca como o segundo autor mais presente no periódico. Dentre suas contribuições, destacam-se: “Sobre o conceito de Totalitarismo”, presente no 1º volume e “Conquistar a democracia pela base”, publicado no 6º volume.

Ainda no Corpo Diretivo da *Temas*, restam as trajetórias de Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão, acompanhando toda a trajetória do periódico, em suas diferentes alterações. Gildo Marçal e Marco Aurélio se aproximavam geracionalmente na construção da revista, sobretudo em comparação aos nomes de Nelson Werneck Sodré e José Chasin. Além de compartilhar, entre si, o cruzamento de iniciativas partidárias, a relação com a universidade e a visão sobre a revista, de caráter teórico político:

(Gildo) Quanto ao outro lado da questão, não é verdade que desde o início TEMAS não tenha publicado textos voltados para o exame das questões imediatas. Ao

²⁰ Chasin foi o fundador responsável pela Editora Senzala nos anos 1960 (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008, p. 239). Há, ainda, uma troca de cartas entre Chasin e Lukács em 1966 solicitando a liberação de “História e Consciência de Classe” para tradução e publicação no Brasil, pedido negado pelo húngaro que solicitou tempo à Lukács, pois estava no processo das reflexões que levaram à escrita do “Prefácio” publicado em 1967 em que Lukács apresenta uma autocrítica à sua própria obra (COTRIM; FILHO, 1999; REPA, 2023).

²¹ Ver (CHASIN, 1978)

contrário, não só em todos os números há artigos dedicados a esse exame como, se vocês lerem bem, verão que a polêmica política está embutida em todos os ensaios publicados, inclusive naqueles que se situam em um elevado nível de abstração.

Gildo enxergava o papel político da *Temas* a partir da inserção da revista em um Brasil que via avançar a classe trabalhadora, mesmo que a passos lentos, o que justifica a opção por uma revista “radicalmente democrática”. Assim, o autor destaca-se entre os intelectuais comunistas por sua trajetória partidária focada na linha editorial, além da vida universitária, em que firmou-se enquanto nome de referência acadêmica, sobretudo nos estudos comunistas²².

De origem baiana, Gildo ingressou no Partido nos idos dos anos 1970, permanecendo até meados dos anos 1980, no movimento de saída dos quadros intelectuais que marcou o Partido no período. Em sua trajetória, destaca-se a atividade editorial, sobretudo no jornal *Voz da Unidade* e, posteriormente, pelo trabalho na Universidade. Assim como Marco Aurélio, Gildo acompanha a *Temas* em toda a sua trajetória, com maior aparição na editoração do periódico, em contrapartida à participação em textos e traduções, ainda assim, é responsável pelo artigo “Totalidade e Determinação Econômica”, presente no primeiro volume e a tradução de “Projeto de declaração da redação de Iskra e de Zariá”²³, de Lenin, traduzido em conjunto com Marco Aurélio e publicado no quinto volume, além da entrevista concedida à AUPHIB no oitavo volume.

Por fim, nas trajetórias individuais, Marco Aurélio Nogueira encerra o Corpo Diretivo inicial da *Temas*. Sua biografia é marcada pela Escola de Sociologia e Política, local em que cursa a graduação em Ciências Políticas e Sociais entre 1969 e 1972, e pela Universidade de São Paulo, onde concluiu o doutorado em 1983 com a tese *Joaquim Nabuco: a Monarquia e a República*, além da relevância fundamental da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), onde atua como docente. Sua trajetória político-partidária no PCB é relativamente curta, com início em 1979 e fim em 1983, e destaque para a participação na “linha cultural do partido”, auxiliando na editoração do *Voz da Unidade*, entre 1980 e 1981, ao lado de Gildo e Davi Capistrano Filho. Para além do Partido, Marco Aurélio é responsável pela editoração da *Temas* e, anos depois, da *Presença- Revista de Cultura e Política* (1983-1992), além do

²² Anos depois, Gildo se dedicará à um estudo da esquerda brasileira e à própria relação do PCB e suas estratégias e táticas políticas, ver em (BRANDÃO, 1995, 1997, 2005)

²³ Chama a atenção o perfil de texto traduzido por Gildo, rememorando a participação e a importância da editoração para o movimento comunista soviético na figura das editoras Iskra e Zariá. No contexto comunista brasileiro dos anos 1980, Gildo torna-se uma referência editorial, atuante em diversos periódicos, com destaque para o *Voz da Unidade*, com a tradução enquanto demonstrativo deste perfil organizativo em formação na *Temas*.

auxílio em inúmeras traduções, sobretudo de Antonio Gramsci. Na *Temas*, é o autor com o maior número de traduções, com destaque para o “Alguns temas da questão meridional” de Antonio Gramsci, publicado no primeiro volume e “Teses sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado” de Lenin, presente no sétimo volume. De autoria própria, Marco Aurélio publica dois artigos: “Max Weber: a Burocracia e as Armadilhas da Razão” no primeiro volume e “Anotações preliminares para uma história crítica da Sociologia”, presente no terceiro volume, além da entrevista concedida à AUPHIB no oitavo volume. Textos que “eram carregados de “paixão metodológica” e inseridos por inteiro no clima da revista” (NOGUEIRA, 2017).

Chama a atenção o texto “Anotações preliminares para uma história crítica da Sociologia” em que a discussão circunda a Sociologia brasileira em uma briga contra o ecletismo, eleito como *inimigo* da *Temas*, como descreve Marco Aurélio Nogueira:

O “ecletismo” à brasileira – uma mistura, comandada pela sociologia, de “ética de esquerda com epistemologia de direita”, como falávamos seguindo o léxico de Lukács – se nos afigurava como um obstáculo a ser transposto, um passo obrigatório na batalha ideológica que se travava na esquerda brasileira. (NOGUEIRA, 2017)

Enquanto experiência formativa, foi na *Temas* em que Marco Aurélio vivenciou, pela primeira vez, o papel de “agitador cultural”, ocupando um espaço importante em sua trajetória intelectual:

Vivi *Temas* intensamente. A revista durou até 1981, depois de ter passado por algumas crises. Nela, me testei como cientista social e comecei a atuar como tradutor. Aprofundei e consolidei a relação com Gildo Marçal Brandão e Raul Mateos Castell. Através dela, pude estabelecer contato com pessoas que se tornariam decisivas em minha trajetória intelectual: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques, Nelson Werneck Sodré e José Paulo Netto. Mantive com eles (que estavam no exterior, no Rio de Janeiro ou em Juiz de Fora) uma correspondência caudalosa, sistemática, repleta de reflexões teóricas e políticas, carregadas de afeto e de recíproca disposição para trabalhar pelo reencontro dos comunistas brasileiros (NOGUEIRA, 2017).

No periódico, Marco Aurélio atuou como editor, tradutor e autor.

A partir desses nomes, a *Temas* consolida seu Corpo Direito de forma sólida nos oito primeiros volumes, ainda que heterogêneo nos posicionamentos, com a intensa participação de Gildo e Marco Aurélio, além do suporte de José Chasin e a figura emblemática de Nelson

Werneck Sodré. Há, no entanto, uma virada nesta composição a partir do oitavo volume, de 1980, em que o Corpo Diretivo distribui-se entre “Editores” e “Conselho Consultivo” com o acréscimo de nove nomes: Antonio Pinheiro Machado Neto, Carlos Nelson Coutinho, David Capistrano Filho, Denis Bernardes, João Batista de Andrade, José Paulo Netto, Leandro Konder, Paulo Cavalcanti e Raul Mateos Castell.

E descrita por Marco Aurélio, já de forma retroativa, como a mudança de “fase” no periódico, com a transformação política da revista. Nesta leitura, a *Temas* se organiza em um primeiro momento “fortemente metodológico” e uma segunda fase “política” de expansão do impacto da revista na luta democrática (NOGUEIRA, 2017). O movimento coincide com a conjuntura nacional de Anistia, promulgada no ano anterior, e o evidente enfraquecimento da ditadura militar, além da recomposição das estruturas partidárias, o ânimo com as movimentações sindicais e as discussões de regime, forma de governo e democracia ocupando o centro das preocupações de militantes, ativistas e intelectuais.

Nesta reconstrução narrativa, realizada por Marco Aurélio, a primeira fase referenciou-se, principalmente, em Lukács, na valorização de um certo “marxismo ortodoxo”²⁴. Já a segunda fase, marcada pela definição de Marco Aurélio e Sodré como editores e a expansão do Conselho Consultivo, volta-se para o crescimento do programa de trabalho da revista, a fim de confluir para a luta democrática. Mas, para além da reconstrução póstuma de sua experiência, as alterações no Corpo Diretivo também são acompanhadas por alterações em seu perfil de publicação: os volumes perdem a “Apresentação” que acompanhou todos os volumes anteriores -no oitavo, há a publicação de uma entrevista de balanço concedida por Marco Aurélio e Gildo à AUPHIB-, além de um olhar mais imediato à conjuntura e o posicionamento do periódico, destacando-se o artigo de Luiz Werneck Vianna “Notas sobre a Conjuntura Brasileira” (v. 08, 1980), a conferência “Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil” de Carlos Nelson Coutinho (v. 10, 1981) e a aparição do documento: “Resolução Política do CE da Guanabara do PCB (Março de 1970)-Apresentação”, acompanhado de uma apresentação redigida por Armênio Guedes e publicada no 10º volume da *Temas*. Observa-se, ainda, uma distinção entre as traduções após a alteração na estrutura interna do periódico. De modo geral, a *Temas* abre-se para autores de origens variadas, com a presença assídua de autores marxistas clássicos, sobretudo Marx e Lênin,

²⁴ A existência de um “marxismo ortodoxo” que contemple Lukács como representante requer maiores estudos, a fim de compreender quais as categorias o localizam nesta ortodoxia. No entanto, há um reforço entre os intelectuais que participam da experiência da *Temas* em associar o “marxismo ortodoxo” à uma relação com o método e não ao dogmatismo, comumente vinculado à tradição marxista soviética.

dando lugar a uma variedade maior de autores estrangeiros, agora contemplando nomes franceses, mexicanos e britânicos.

Do projeto político (Os textos de apresentação)

Assim, analisada a revista, resta compreender as *intencionalidades* dos autores, a partir da expressão nos Editoriais, sobretudo em um ambiente de disputa pelos rumos do regime político do país que marcou o surgimento da *Temas*. Lógica a partir da qual sua existência ocupa o local da disputa por um marxismo alternativo à orientação soviética, com o objetivo de intervenção na linha cultural e política do Partido e, de modo geral, do comunismo no Brasil que, de todo modo, pode ser lido como a construção de um campo em nossa cultura, a partir da disputa pelas traduções e o posicionamento do editorial. Atuação, no entanto, que não ocorreu de forma espontânea para a *Temas* e os intelectuais presentes em sua iniciativa. Por outro lado, desde o princípio, esta intervenção esteve no eixo motivador do periódico. O agir no presente da conjuntura política pré redemocratização com a finalidade de impactar esta mesma conjuntura fez da *Temas* um periódico atualizado em seu tempo, permitindo emprestar a noção de Beatriz Sarlo em que os periódicos são compreendidos como “bancos de prova” do presente, justamente por sua capacidade de condensar o tempo em sua produção: São produzidos no presente para o presente, o que faz com que a relação com o público seja direta, tornando-se um espaço de alinhamento e conflito (SARLO, 1992). Nesta perspectiva, a *Temas* enfrentou severas mudanças em seus anos de existência, tanto no contexto a seu redor quanto na estrutura e organização interna do periódico que, ao longo de seus volumes, foram apresentados nos editoriais. Nos oito primeiros volumes, a revista traz um texto de apresentação ao volume, com uma breve descrição da coletânea organizada na edição e um posicionamento frente às suas escolhas.

Neste sentido, o primeiro volume possui a relevância de apresentar o periódico ao público. No Editorial, assinado “pelos editores”, a revista reforça o rechaço à “atividade teórica fechada em si mesmo”, além das críticas ao ecletismo acadêmico das Ciências Sociais brasileiras e reforça a preocupação em valorizar certa trajetória nacional, observado na republicação de textos de relevância e no convite à figuras de peso no ambiente acadêmico, como no convite à figuras como Caio Prado e Nelson Werneck Sodré. Quanto ao público, aparece o objetivo amplo de atingir os que se interessam pelas ciências humanas, com foco na experiência universitária. Por fim, aparece a citação à Lukács: “Quanto ao resto, é preferível afirmar com Georg Lukács: “Não existe ideologia ‘inocente’”. A atitude favorável ou contrária à razão decide, ao mesmo tempo, da essência de uma filosofia e de seu papel no

desenvolvimento social” (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VIII). Assim, a *Temas* vêm ao mundo com a tradução “Carta sobre o Stalinismo” de Lukács, o “Alguns temas da questão meridional” de Antonio Gramsci além do início da coletânea da História do ISEB, organizada por Sodré e presente em outros dois volumes e textos de Chasin, Gildo, Marco Aurélio e Braz José de Araújo.

O balanço desta experiência, no entanto, não é satisfatório entre os volumes 4 (out/1978) e 5 (mar/1979) em que aponta-se para uma falência no objetivo da revista em elaborar um tratamento analítico de seus tópicos. Ainda assim, destaca-se para a singularidade da revista no cenário editorial e cultural nacional, justamente por se recusar aos ecletismos, unindo a “abertura ao real” à tentativa de obter “relativa unidade de posição”:

Recusando no essencial quaisquer ecletismos, TEMAS demonstrou ser possível e, no estágio atual da luta ideológica no Brasil, necessário aliar a abertura ao real, o nível e o rigor teóricos à preocupação de obter uma relativa unidade de posição. Como convém, aliás, a uma publicação que se propõe a formar uma linha de pensamento, a contribuir para a elaboração de um projeto social homogêneo. Nesse sentido, espera ter renunciado a urgente negação da negação- isto é, iniciado o resgate e a renovação da boa tradição progressista desse país, obscurecida nos últimos anos- da produção teórica e ideológica que ainda domina o cenário intelectual brasileiro (Temas de Ciências Humanas, 1978, p. VII)

Contra esse ecletismo, os volumes da *Temas* acumulam críticas aos diversos autores das Ciências Sociais, entre eles Florestan Fernandes e Max Weber, reforçando sua adesão ao marxismo e em disputa com o ortodoxismo da direção partidária.

O quinto número da publicação, apresenta uma extensa reflexão sobre os rumos passados e futuros da revista, indicando uma mudança na conjuntura nacional. Os editores apontam para uma renovação nos ares nacionais, com a intervenção no movimento operário organizado que, em 1978, abriu um novo ciclo na história recente. Momento em que seria necessário pensar em uma teoria capaz de orientar a própria transição, fornecendo os pressupostos de construção de uma nova hegemonia na tentativa de “inserir-se ativamente na realidade concreta do país, formar uma linha de pensamento, tentar criar uma espécie de “intelectual coletivo”” (Temas de Ciências Humanas, 1979, p. VIII).

O objetivo da revista teria de ser, portanto, o de tentar criar um “intelectual coletivo” para a cultura brasileira, servindo como um estímulo para todos. Agora, ao invés de formar um “amplo painel das questões das Ciências Sociais” é necessário juntar forças para intervir e formar uma nova hegemonia, com a construção de um periódico que gere um estímulo para

todos, em referência a Gramsci. No Editorial do quinto volume aparece a união entre o método rigorosamente científico de análise da realidade brasileira com a construção de uma nova hegemonia voltada para a democracia, com o caráter “nacional-popular”. Ao contrário da primeira aparição da revista, em seu primeiro volume de 1977, os termos e referenciais desta virada são gramscianos. Os volumes seguintes seguem sem os textos de Apresentação que antecedem as introduções individuais de cada artigo publicado, mantendo o formato do periódico com destaque para artigos e traduções e, já neste caso, uma ampliação nas referências teóricas com a maior aparição de autores do marxismo europeu, como é o caso de Luciano Gruppi, presente no sexto volume.

Esse movimento abre campo para as alterações sofridas e anunciadas no 8º volume, representante da virada de chave do periódico para sua fase “mais política”, nos termos de Marco Aurélio Nogueira (NOGUEIRA, 2017). Além de todas as mudanças já discutidas, com impacto no Corpo Editorial e na própria composição da *Temas*, o oitavo volume substitui o tradicional texto de Apresentação por uma entrevista concedida por Gildo e Marco Aurélio ao boletim da Associação dos Universitários para Pesquisa em História do Brasil (AUPHIB).

Na entrevista, Gildo resume a *Temas* enquanto uma “revista científico-política” ao passo que Marco Aurélio a compreende enquanto “revista teórica, voltada para a publicação de textos teóricos de ciências humanas e filosofia” (*Temas de Ciências Humanas*, 1980) de modo que a revista seria capaz de refletir as forças e fraquezas do marxismo brasileiro na acidentada conjuntura em que se formou e se manteve. O objetivo era construir uma “revista de posição”, em contraposição às publicações de “frente” existentes, que se enraizasse no “materialismo histórico”, ou seja, na realidade concreta do país e, por isso, se batesse com o ecletismo intelectual. Na entrevista, aparece novamente o objetivo de ajudar na construção de uma intelectualidade orgânica, capaz de gerar quadros para as classes subalternas. Ao fim, compreende Marco Aurélio:

(M.A) E, se hoje podemos consolidar um projeto como o de TEMAS, é porque levamos em conta esse relativo avanço das forças democráticas- somos produto dele- que, a duras penas, conquistou um pequeno, mas real, espaço político. Esse avanço, como não poderia deixar de ser, reflete-se também no plano cultural (*Temas de Ciências Humanas*, 1980)

A marca do sucesso defendido na entrevista, no entanto, não mostrou-se capaz de garantir a continuidade da *Temas*. A revista segue apenas por dois volumes, também sem textos de apresentação, mas com mudanças consideráveis em seu Corpo Diretivo e estrutura, como já

vimos anteriormente. Neste ínterim, em uma conjuntura dinâmica e flexível, a *Temas* vê seu fim no décimo volume, de 1981. Sem texto de despedida, com alteração no Corpo Diretivo e nenhum anúncio de fechamento, a revista se encerra permitindo ao leitor a compreensão da causalidade com que seu término se deu, pela dificuldade de manter o projeto frente às novas tensões conjunturais. *Temas* têm seu fim em um país diferente de quando iniciou. Em 1981, com o andar da abertura política, a Lei da Anistia de 1979, o enfraquecimento do regime e as novas tensões do sindicalismo, o Partido se reestrutura e aparece enquanto estrutura central no campo progressista ocupando espaço e tempo dos nomes envolvidos na *Temas*²⁵. Além disso, a própria universidade e a via acadêmica haviam se transformado e passado por alterações com uma ampliação na circulação de ideias, a partir de um amadurecimento das Universidades e da flexibilização do regime, movimento que fez a *Temas* perder força frente a outras iniciativas e projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, G. M. O partido comunista como “esquerda positiva”. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 35, p. 183–201, 1995.

BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do partido comunista (1920-1964)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, G. M. Linhagens do pensamento político brasileiro. **Dados- Revista de Ciências Sociais**, v. 48, n. 2, p. 231–269, 2005.

CASTRO, M. C. D. **OS RENOVADORES “GRAMSCIANOS” DO PCB: O DIÁLOGO COM ANTONIO GRAMSCI PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE BRASILEIRA, A BATALHA DAS IDEIAS NO PARTIDO E A FORMAÇÃO DA REVISTA PRESENÇA**. GUARULHOS: UNIFESP, 2013.

COTRIM, L. C. DE A.; FILHO, A. R. Em memória de José Chasin: luta pela autenticidade humana. **Crítica Marxista**, v. 8, p. 173–179, 1999.

COUTINHO, C. N. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**, v. 9, p. 33–49, mar. 1979.

MUSSI, D. (ED.). **CATÁLOGO DO FUNDO DOCUMENTAL CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA (CEDEC)**. , 2020.

²⁵ Como indica Marco Aurélio Nogueira em entrevista: “Mas em 79, eu e o Gildo começamos a sair da revista *Temas* porque a gente estava muito envolvido no partido. Eu já estava na direção do partido e porque no momento subsequente, nós vamos começar a preparar a *Voz da Unidade*, né?. Então em 1980 tem a *Voz da Unidade* que é uma coisa completamente diferente da *Temas* e assim como a *Presença*, não tem uma relação de continuidade” (CASTRO, 2013, p. 155).

NETTO, J. P. Lukács e a problemática cultural da era stalinista. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, v. 25, n. 1, p. 36–36, 2 maio 2019.

NOGUEIRA, M. A. Nelson Werneck Sodré: o general, a história, a democracia. **Estudos de Sociologia**, v. 4, n. 7, 1999.

NOGUEIRA, M. A. **A revista “Temas” e a Editora Ciências Humanas. Marco Aurélio Nogueira**, 17 jul. 2017. Disponível em: <<https://marcoanogueira.pro/revista-temas-e-editora-ciencias-humanas/>>. Acesso em: 5 jul. 2020

REPA, L. S. (ED.). **Colóquio: 100 anos de “História e consciência de classe”**. . Em: 100 ANOS DE “HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE”. FFLCH/USP: 4 out. 2023.

Resolução Política. **Voz Operária**, p. 1–5, nov. 1978.

SANTOS, R. **Uma homenagem a Ivan Ribeiro**. .: **Gramsci e o Brasil** .:, out. 2006. Disponível em: <<https://gramsci.org/?page=visualizar&id=582>>. Acesso em: 19 mar. 2024

SARLO, B. Intelectuales y revistas : razones de una práctica. **America**, v. 9, n. 1, p. 9–16, 1992.

SARTÓRIO, L. A. V.; ASSUNÇÃO, V. N. F. DE. A trajetória de J. Chasin. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 9, p. 78–78, 2008.

SILVA, M. F. Entrevista com Milton Lahuerta: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. **Agenda Política**, v. 9, n. 1, p. 357–393, 2021.

SODRÉ, O. O ISEB, Nelson Werneck Sodré e a cultura brasileira: um testemunho histórico. **Albuquerque: revista de História**, v. 3, n. 6, p. 9–21, dez. 2011.

Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Editorial Grijalbo Ltda, 1977. v. 1

Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1979. v. 6

Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1980. v. 8